

Dificuldades e desafios das mães lactantes inseridas no mercado de trabalho

Difficulties and challenges of lactating mothers in the labor market job

Laetitia Braga Vasconcellos de Lima Costa^{†*}, Bárbara Batista Silveira Andrade[‡]

Como citar esse artigo. Costa, LBVL; . Dificuldades e desafios das mães lactantes inseridas no mercado de trabalho. Revista Mosaico. 2019 Jan./Jun; 10 (1): SUPLEMENTO 39-45.

Resumo

O artigo apresenta como base, as dificuldades e desafios enfrentados pelas mães lactantes que estão inseridas no mercado de trabalho, visto que, a realidade da mulher na sociedade sofreu modificações impactantes e a questão da maternidade e cuidados com os filhos precisa ser problematizada diante de tais transformações. Partindo dessa perspectiva, faz-se necessária uma reflexão sobre o tema, levando em conta aspectos subjetivos da mulher na prática da amamentação, a relevância fisiológica, a construção do vínculo entre mãe e bebê, os direitos garantidos às mães lactantes em sua jornada de trabalho e o contexto social dessas mulheres. Assim, o objetivo do estudo foi identificar as principais dificuldades e desafios das mães lactantes inseridas no mercado de trabalho. Como embasamento teórico, foi escolhida a metodologia qualitativa, através de pesquisa bibliográfica de textos sobre o tema, publicados na literatura brasileira.

Palavras-chave: Mães lactantes, Mercado de Trabalho, Desafios.

Abstract

The theme of this article is based on the difficulties and challenges faced by breastfeeding mothers who are inserted in the labor market, since the reality of women in society has now changed dramatically and the issue of motherhood and childcare needs be observed from a more current angle. Based on this new perspective, it is necessary to reflect on the subject, taking into account subjective aspects of breastfeeding, the demands of the health area, the creation of a bond between mother and baby, the rights guaranteed to nursing mothers in their working day and the social context of these women. In this context, the objective of the study is to identify the main difficulties and challenges of nursing mothers inserted in the labor market and to base the whole theoretical apparatus, was chosen the qualitative methodology, based on bibliographical research, focusing on several texts published in the Brazilian literature .

Keywords: Lactating mothers, Job market, Challenges.

Introdução

Sabe-se que, atualmente, grande parcela das mulheres são responsáveis por uma parte ou a totalidade do sustento do lar. A maioria das mulheres está inserida no mercado de trabalho, mantendo concomitantemente a responsabilidade pelas atividades do lar, fato que agrava as dificuldades nas exaustivas jornadas de trabalho. Em tal contexto, a questão da maternidade, e a amamentação em mulheres lactantes que trabalham, torna-se um tema cada vez mais pertinente. Após o nascimento da criança, é possível se pensar o estilo de vida que aquela mãe gostaria de ter, suas expectativas, desejos e frustrações. Muitas vezes algumas mães lactantes precisam retornar à jornada de trabalho e embora a elas tenha sido garantido também o direito à amamentação de acordo com a legislação, é comum que alguns fatores, como

a carga-horária de trabalho, o ambiente, entre outros, prejudique a realização desse processo.

Apesar da dificuldade de muitas mães trabalhadoras em realizar a amamentação da criança nos primeiros meses de vida, trata-se de uma prática muito importante no desenvolvimento do bebê, pois traz inúmeros benefícios à criança, tanto no aspecto emocional ao aproximar mãe e filho, promovendo maior afetividade, quanto no que se refere aos benefícios nutricionais, imunológicos e cognitivos, o que revela sua importância nos primeiros meses de vida da criança, sendo fundamental o cuidado para evitar um desmame precoce.

É preciso que se considere algumas questões referentes ao espaço físico que envolve a amamentação em um ambiente de trabalho como: as condições de conservação de tal ambiente e a disponibilidade

Afiliação dos autores: † Acadêmica da Universidade de Vassouras do décimo período de psicologia

‡ Docente da Universidade de Vassouras do décimo período de psicologia

* Email de correspondência: laevasconcellos@gmail.com

de repouso do corpo da mãe. É necessário levar em consideração também, as questões psicológicas favoráveis e desfavoráveis nesse processo, uma vez que manter uma criança no aleitamento exclusivo até os seis meses de vida é algo muito complexo para algumas mães, que se sentem cobradas socialmente à esta prática, principalmente por campanhas de apoio ao aleitamento exclusivo promovidas pela OMS e o Ministério da Saúde.

Embora existam muitas razões positivas a favor do aleitamento materno, não se pode considerá-lo sem levar em conta os fatores psicológicos envolvidos na prática, sua importância para o estabelecimento de vínculo entre a mãe e o bebê e toda a subjetividade implicada no processo.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo identificar as principais dificuldades e desafios das mães lactantes inseridas no mercado de trabalho no que diz respeito à conciliação das diferentes funções, e para embasar todo o aparato teórico, foi escolhida a metodologia qualitativa, tendo por base a pesquisa bibliográfica, focando vários textos publicados na literatura brasileira.

Fundamentação teórica

Reflexões sobre o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho

Há um longo processo de construção da identidade da mulher e sua inserção no mercado de trabalho, o que tem por base toda uma história de submissão feminina ao homem, construída pela sociedade ao longo do tempo, em que ela não tinha direito a tomar suas decisões, trabalhar, votar, enfim, cabia a mulher obedecer ao pai e após casada, ao marido, limitando-se a uma vida para o lar, em que seu papel era limitado à cuidar da família e das tarefas domésticas (COSTA, 2010).

Conforme Costa (2018) o domínio masculino nas sociedades é algo que remete ao início da civilização, como algo predominante tanto no ambiente familiar, quanto no profissional, havendo um regime patriarcal em que a mulher não tinha voz ou comando, na realidade, ela era submissa e sujeita às vontades e determinações masculinas.

No Brasil, ainda no período colonial, o lar da família era um ambiente de honra que devia receber toda a proteção, sendo um lugar privilegiado, por abrigar as pessoas que mantinham laços de sangue e construíam o caráter das crianças, cabendo à mulher uma grande e limitada responsabilidade voltada para a construção da moral e bons costumes da família (COSTA, 2018).

Ocorreu um longo processo de transformações

dessa concepção patriarcal, até que houvesse a aceitação da mulher no mercado de trabalho, especialmente nos períodos de guerra, em que os homens muitas vezes morriam em batalha. A industrialização avançava e a necessidade da mão de obra feminina se apresentou (COSTA, 2010).

Para Cezar (2017) a luta das mulheres para sua inserção no mercado de trabalho se intensificou com o movimento feminista, que colaborou para que as mulheres ganhassem importantes aliados em sua luta por igualdade de direitos, dando início a um processo de transformações da própria sociedade, de modo que a mulher que tinha um papel limitado aos cuidados do lar e da família, passou a ter maiores oportunidades no mercado de trabalho, conquistando oportunidades que antes eram exclusivas dos homens.

É importante entender, que esse processo de transformação não foi fácil e mesmo com a aceitação das mulheres no ambiente laboral, havia distinções muito marcantes no tratamento dado a elas, comparando-se ao oferecido aos homens, inclusive em relação a aspectos salariais, sendo possível observar ainda hoje, determinadas distinções, apesar da proibição legal, o que torna o tratamento diferenciado mais suave e ameno, mas ainda presente em algumas empresas (CEZAR, 2017).

Ainda com base nos estudos de Cezar (2017, p. 441):

Ao analisar a conjuntura das mulheres na sociedade, percebe-se que estas foram oprimidas desde a antiguidade por uma cultura tradicionalmente patriarcal, marcada pela desigualdade de gênero. Essa circunstância impôs diversas dificuldades na trajetória pessoal e profissional feminina, que aos poucos foi se modificando, mas ainda está em pauta.

Nota-se que a inserção da mulher no mercado de trabalho não foi algo simples, ao contrário, tratou-se de um longo processo que gerou muitas lutas, debates e questionamentos, que perduraram por séculos no Brasil e só recentemente, foi possível superar em parte, a opressão vivenciada pelas mulheres e a imagem de submissão ao redor dela.

Para Costa (2018), o trabalho exerce um importante papel no processo de subjetivação do sujeito, mantendo conceitos psicológicos de suma importância por influenciarem direta e significativamente a construção da identidade do sujeito, especialmente, pelas relações sociais que são estabelecidas no ambiente laboral.

Dessa forma, a mulher não pode ser privada de uma atividade tão essencial para a construção de sua identidade e suas lutas, que se mantiveram por séculos e se intensificaram nas décadas de setenta e oitenta, lhe garantiram vitórias que lhe proporcionaram hoje o direito à igualdade de oportunidades diante do homem, apesar de que na prática, ainda se verifica muita desigualdade na divisão do trabalho em função de uma hierarquia

de gênero que ainda resiste em alguns homens, devido a toda uma cultura patriarcal construída socialmente (COSTA, 2018).

Coutinho et. al. (2015) trazem alguns estudos sobre os prejuízos psicológicos gerados pela desigualdade no tratamento, discriminações e desvalorização da mulher no mercado de trabalho, afetando sua qualidade de vida de maneira significativa, inclusive podendo levar ao desenvolvimento de distúrbios psicossomáticos que prejudicam não apenas a vida profissional da mulher, mas principalmente, pessoal.

Infelizmente, apesar de toda a luta e conquistas alcançadas pelas mulheres, sua história laboral tem todo um processo complexo que perdurou por muitos séculos, sendo necessário que a mulher tenha igualdade de oportunidades e direitos no mercado de trabalho, além de muito respeito enquanto profissional que pode oferecer muitos benefícios em face de suas potencialidades e capacidades (COUTINHO et. al. 2015).

Além disso, a sobrecarga de atividades evidencia-se quando os avanços do feminismo em relação ao lugar da mulher no mercado de trabalho não conseguem resultados frente ao sexismo nas atividades domésticas. A responsabilidade pelos afazeres do lar permanece concentrada na figura mulher, que passa a enfrentar então, jornadas de trabalho duplicadas (HOOKS, 2018).

Baylão e Schettino (2014) explicam que é necessário que a própria mulher entenda o quanto seu papel é importante na sociedade, não apenas como cuidadora da família e do lar, mas como instrumento de transformação da própria sociedade, especialmente, através do exercício de funções diversificadas e principalmente, de comando, no mercado de trabalho, tornando-se independente e detentora do controle de sua vida, com maior poder aquisitivo, níveis cada vez mais elevados de escolaridade e principalmente, reduzindo a defasagem salarial entre os gêneros.

Quando se trata de uma lactante inserida no mercado de trabalho, novos desafios surgem, tema que será tratado a seguir.

Os desafios das mulheres lactantes trabalhadoras

São muitos os desafios das mulheres lactantes que encontram-se inseridas no mercado de trabalho, pois mesmo com um período de afastamento, o retorno às funções laborais exige um tempo diário de afastamento da criança, que ainda se encontra em um período de total dependência, especialmente, em relação à sua alimentação, que deve ser baseada no leite materno, nos primeiros meses de vida.

Fonseca (2016) explica que o alimento mais adequado para a criança nos primeiros meses de vida

é o leite materno, mas em face de uma série de fatores, inclusive em função da mãe trabalhar por longos períodos, têm sido crescentes determinadas práticas alimentares baseadas em leites encontrados no mercado que apresentam fórmulas semelhantes, ocorrendo um desmame precoce, minimizando assim, os benefícios trazidos pelo leite materno natural.

É recomendado pela Organização Mundial de Saúde, que a criança seja amamentada pelos primeiros meses de vida, sendo alimentação exclusiva até o período entre quatro e seis meses de vida, mas sendo mantida de maneira complementar até os dois anos, mas infelizmente, esta recomendação não é seguida por muitas famílias, geralmente, por falta de informação (FONSECA, 2016).

No Brasil, o Ministério da Saúde também se posiciona sobre o tema, recomendando que a amamentação exclusiva se prolongue até seis meses de idade, mantendo-se como alimento complementar até dois anos ou mais, em função de sua importância para o desenvolvimento de vários aspectos da criança, sejam nutricionais, emocionais, afetivos, enfim, trata-se de uma prática que traz vantagens não só para a criança, mas para a mulher e a própria família (SILVA et. al. 2018).

Sobre os benefícios da amamentação, Silva et. al. (2018, p. 2) acrescentam ainda:

Para a saúde da criança, o leite materno atua como um fator de proteção imunológica, pois contém a Imunoglobulina A, que protege o neonato contra infecções intestinais, alergias e outras afecções. Muitas estratégias estão sendo implantadas por organismos internacionais com o objetivo de promover, incentivar e apoiar o aleitamento materno. O Fundo das Nações Unidas para a Infância em conjunto com a Organização Mundial da Saúde (OMS), instituíram o Hospital Amigo da Criança, cuja iniciativa recomenda dez passos para o sucesso da prática do aleitamento materno. Dentre esses passos, vale destacar, o quarto que recomenda colocar os recém-nascidos (RNs) em contato com suas mães imediatamente após o parto, durante, pelo menos, uma hora.

Furtado e Nascimento (2017) explicam que o aleitamento materno é um mecanismo capaz de promover maior vínculo afetivo, proteção e nutrição natural oferecida à criança, colaborando para reduzir a morbimortalidade infantil, gerando grande impacto positivo na vida da mesma, mas infelizmente, muitas mães não podem realizar esse processo pelo tempo necessário em virtude de vários fatores, inclusive laborais.

Neste contexto, é importante compreender a infinidade de significados que podem ser extraídos do aleitamento materno. Muito além da saúde da criança e da mulher, amamentar pode representar a criação de vínculo da mãe e do bebê. Além disso, embora existam instruções médicas, deve-se levar em conta toda subjetividade envolvida e os fatores psicológicos

que podem contribuir ou não para um aleitamento satisfatório.

De acordo com Ministério da Saúde (BRASIL, 2009) a amamentação não se limita a um ato de nutrição da criança, mesmo se tratando de um aspecto importante, mas é algo muito mais amplo, envolvendo todo um processo de profunda interação que ocorre entre a mãe e a criança, o que favorece significativamente a construção emocional e o desenvolvimento cognitivo dessa última, o que revela se tratar de um processo que afeta tanto o aspecto físico, quanto psíquico de ambos.

Além disso, a psicanálise contribuiu em proporção significativa para um amplo entendimento sobre o funcionamento da construção dessa relação entre mãe e bebê levando em conta aspectos psicológicos inconscientes que contribuem para a construção social do indivíduo que estabelece uma relação satisfatória no aleitamento materno.

Conforme explica Klein (1975, p. 17):

O ego imaturo da criança está exposto, desde o nascimento, à angústia despertada pela polaridade inata dos instintos - o conflito imediato entre o instinto de vida e o instinto de morte. Está também imediatamente exposto ao impacto da realidade externa que produz angústia, como trauma do nascimento, mas também infunde vida, como calor, o amor e a alimentação recebidos da mãe.

Através dessa relação conflituosa entre mãe e bebê, pode-se notar o quanto é complexo o atendimento das demandas de uma criança, o estabelecimento de vínculo entre os dois e a vida profissional da mãe ao mesmo tempo. Por isso, cabe à sociedade e à todas as entidades responsáveis pela assistência médica e promoção de saúde, um olhar mais empático sobre a subjetividade da mulher e todo seu dilema, nessa fase de amamentação.

Quando é enfatizado um cenário de trabalho, é importante que se leve em consideração as condições do ambiente em que essa mãe realizará o aleitamento, ou seja, mesmo que exista a possibilidade de realizá-lo, é necessário um ambiente com condições favoráveis à prática. Além disso, sabe-se que a mãe e o bebê muitas vezes demandam de um conforto e privacidade nesse momento. Sabe-se que na prática, raramente essas demandas são atendidas, por isso, muitos desses fatores contribuem para um desmame precoce.

Em um contexto de aleitamento satisfatório para a mãe e o bebê, pode-se observar reflexos benéficos ao longo do desenvolvimento psíquico da criança. O vínculo e o afeto entre mãe e bebê de forma geral, também exercerão grande influência positiva, portanto, nem sempre é possível o aleitamento materno, mas a criação do vínculo entre mãe e bebê é ideal de certa forma.

De acordo com Klein (1975, p.13):

Ao descrever a posição esquizo-paranoide, tentei mostrar que, quando a criança lida com êxito com as angústias experimentadas nos primeiros meses do seu desenvolvimento, ela chega a uma gradual organização do seu universo. À medida que os processos de cisão, projeção e introjeção a ajudam a pôr em ordem as suas percepções e emoções e a dividir as boas das más, sente a criança que confronta com um objeto ideal, que ela ama e tenta adquirir e conservar, e ao qual tenta se identificar, e com um objeto mau, no qual projetou os seus impulsos agressivos, sentindo-o como ameaça a si mesma e a seu objeto ideal.

Embora seja possível compreender a importância do aleitamento materno na criação de vínculo entre mãe e bebê, não se pode deixar de considerar todas as dificuldades enfrentadas pelas mães na prática, quando é necessário o retorno ao trabalho. Um ambiente de trabalho estressante, a falta de apoio da família, podem implicar de forma negativa. É necessário uma equipe de apoio que seja capaz de dar suporte à essa mãe, possibilitando uma prática mais prazerosa.

De acordo com Ministério da Saúde (BRASIL, 2009), as atividades laborais de mãe, fora de casa, podem se revelar como um empecilho para o processo de aleitamento, pois há determinadas funções, ambientes e até mesmo tempo de trabalho e outros fatores que podem tornar mais difícil que a mãe consiga amamentar a criança, ocorrendo uma separação entre ambos por longos períodos, dificultando a construção de seu vínculo afetivo.

Dessa forma, é possível ver o quanto essa prática envolve outros indivíduos, por mais que aparentemente se trate de um momento entre a mãe e o bebê, sempre é possível que as pessoas que estão em contato, participem de alguma forma, com ações positivas, que podem contribuir significativamente com o aleitamento materno.

É importante frisar que as mulheres lactantes precisam de apoio e orientação contínuos ao longo de sua gravidez, especialmente, quando trabalham por longos períodos fora de casa e neste processo, é fundamental que sejam disponibilizados pelos profissionais da saúde, desde o pré-natal, informações precisas e completas sobre todo o processo de aleitamento materno, de modo a incentivar essa prática e garantir inúmeros benefícios à criança e também à mãe (ROMANCINI, 2015).

Romancini (2015) esclarece que a assistência prestada pelos profissionais da saúde é instrumento de suma importância ao longo de todo o pré-natal e precisa ser estendido após o nascimento da criança, como forma de oferecer à mulher, todas as informações necessárias sobre o aleitamento materno e estimulá-lo pelo período recomendado pelos órgãos públicos, visando dessa maneira, fortalecer todo o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo da criança.

Considerando os estudos de Almeida (2015),

conclui-se que as ações motivacionais, assim como a promoção e o apoio ao processo de aleitamento materno representa um mecanismo essencial que deve fazer parte do cotidiano da equipe de profissionais da saúde, o que não se limita apenas ao período pré-natal, mas deve se manter no pré-parto, nascimento e todo o período de aleitamento, sendo oferecido à mulher e à criança, todo cuidado e acolhimento necessário para garantir maior segurança, através da escuta, orientação e troca de experiências.

Além disso, é importante que as mães tenham acesso e conhecimento sobre seus direitos garantidos na condição de lactante. É dever dos profissionais da saúde promover informações e esclarecimentos sobre o aleitamento, mas também, é importante que saibam orientá-las sobre seus direitos legais, sanando assim, suas dúvidas e proporcionando uma prática mais satisfatória.

De acordo com Ministério da Saúde (BRASIL, 2009, p.62):

A legislação do Brasil de proteção ao aleitamento materno é uma das mais avançadas do mundo. É muito importante que o profissional de saúde conheça as leis e outros instrumentos de proteção do aleitamento materno para que possa informar às mulheres que estão amamentando e suas famílias os seus direitos. Além de conhecer e divulgar os instrumentos de proteção da amamentação, é importante que o profissional de saúde respeite a legislação e monitore o seu cumprimento, denunciando as irregularidades.

É importante acima de tudo, exercer um olhar mais empático sobre as mães, compreendendo que a fase da amamentação inicia-se no puerpério, uma fase extremamente delicada para as mulheres, que precisam encarar uma nova realidade, uma nova ocupação na família e ao mesmo tempo estão se descobrindo como mães. Essas mulheres, que ao longo de uma gestação construíram idealizações e expectativas sobre como seria seu parto, seus bebês e o processo de aleitamento, muitas vezes, se deparam com receios e frustrações sobre seus planos maternos, precisam desconstruir alguns conceitos equivocados, obtidos à partir de um contato social que muitas vezes romantiza a vivência da maternidade. É preciso levar em consideração toda a subjetividade dessa mãe, facilitando a compreensão dos seus objetos de angústia e receio.

Além disso, uma mulher que amamenta, muitas vezes traz consigo fantasias sobre a prática e pode apresentar insegurança sobre o assunto. Portanto, é importante que haja um empoderamento à prática através dos indivíduos presentes no cotidiano dessa mãe. Algumas vezes faz-se necessário um acompanhamento psicológico. É importante que os profissionais da área da saúde estejam atentos às demandas e queixas das mães lactantes, pois é a partir desse olhar, que se torna possível muitas vezes, uma prática mais satisfatória.

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2009, p.26):

Não basta ao profissional de saúde ter conhecimentos básicos e habilidades em aleitamento materno. Ele precisa ter também competência para se comunicar com eficiência, o que se consegue mais facilmente usando a técnica do aconselhamento em amamentação. Aconselhar não significa dizer à mulher o que ela deve fazer; significa ajudá-la a tomar decisões, após ouvi-la, entendê-la e dialogar com ela sobre os prós e contras das opções. No aconselhamento, é importante que as mulheres sintam que o profissional se interessa pelo bem-estar delas e de seus filhos para que elas adquiram confiança e se sintam apoiadas e acolhidas. Em outras palavras, o aconselhamento, por meio do diálogo, ajuda a mulher a tomar decisões, além de desenvolver sua confiança no profissional.

Todo esse processo de empoderamento, pode iniciar-se no período de gestação, sendo assim, uma forma de lidar com as dúvidas e questões das mães precocemente. Quanto mais instruções e menos ansiosos sobre o processo de amamentação, maior a chance de uma prática favorável.

No contexto do empoderamento, a mulher lactante inicia um processo de auto aceitação e principalmente, de autoestima e considerando os estudos de Heffel e Silva (2016), pode-se dizer que ela passa a reconstruir sua ideia de poder, que se inicia de dentro para fora, não se limitando unicamente ao cuidado da família, mas interiorizando esta função e mantendo-se em uma dupla jornada, de modo que o empoderamento representa a tomada dos direitos pela mulher, garantindo assim, que sejam cumpridos, pois ela é digna de cada um deles.

A informação através de campanhas de estímulo à amamentação e diálogos, é ainda a melhor forma de orientação às mães lactantes. Muitas vezes devido à uma certa insegurança que algumas mães primíparas apresentam sobre o aleitamento, faz com que ouçam alguns conselhos de familiares que não possuem instruções médicas sobre o assunto, muitas vezes surgem dicas que podem prejudicar significativamente a prática. É importante que essas mães estejam em contato com informações necessárias, favorecendo assim o aleitamento e impedindo que adote-se práticas prejudiciais (BRASIL, 2009).

Em seus estudos, Alcântara (2018) realizou estudos práticos, concluindo que a equipe de profissionais de saúde, que é composta por vários profissionais, inclusive psicólogos, exerce um papel fundamental ao atuar ao longo do aleitamento materno, inclusive através de ações educativas, orientando e prevenindo a ocorrência de dificuldades por parte da mãe, partindo-se do preparo do peito até o manejo da amamentação, que exige conhecimentos e habilidades para evitar eventuais problemas, que incluem dores e fissuras.

A amamentação, não é por si só, o único meio de construção de vínculo entre mãe e bebê, este pode ser constituído desde o período gestacional. Embora

tenha um papel extremamente importante, outros tipos de contatos integrados à essa prática, irão contribuir de maneira relevante. A troca de calor entre mãe e bebê, o cheiro da mãe, carinhos e afetos, são fatores que também influenciam no desenvolvimento da criança.

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2009) nos primeiros dias de vida da criança, é fundamental que ocorra a interação entre ela e a mãe, visando alcançar uma proximidade entre ambos, garantir harmonia na relação e também o sucesso no processo de amamentação e para isso, é fundamental orientação e assistência para a mãe, não só com informações, mas com apoio emocional.

A maneira como a mãe enfrenta o puerpério e seus sentimentos sobre a maternidade, implicam de maneira significativa no processo de desenvolvimento do bebê. É preciso que essa mãe esteja em condições psíquicas e fisiológicas favoráveis, possibilitando assim, um envolvimento afetivo satisfatório.

Com base nos estudos de Reis (2017) é relevante esclarecer que desde o nascimento da criança, inicia-se um processo de total dependência da mãe, denominado dependência absoluta, mas é algo que não é notado pela criança, já que há uma ligação tão grande com a mãe que ele não consegue se sentir de forma isolada a ela, entende como se ambos fossem um, valendo ressaltar que todas as experiências vivenciadas no período inicial da vida da criança, podem afetar significativamente a vida da mãe, especialmente, pelo fato dela possuir lembranças inconscientes que a levam a se preocupar com a criança e a se dedicar totalmente a ela.

Segundo Reis (2017, p. 1):

A preocupação materna primária seria um estado especial, uma condição psicológica que a mãe entra gradualmente e tem o seu ponto máximo quando se aproxima o final da gestação e se prolonga por semanas após o nascimento, e não será facilmente lembrado pela mãe ao sair deste estado, embora estas lembranças não sejam reprimidas. Quando a mãe ao cuidar do bebê ingressa neste cuidado sensível às necessidades do bebê ela proporciona um ambiente acolhedor que facilitará o surgimento da constituição do bebê, o desenvolvimento que ocorre normalmente e a ação espontânea do bebê às experiências desta fase de vida.

Mais uma vez, é importante levar em conta, todas as contribuições que a psicanálise levantou sobre a maneira de enxergar o processo de maturação psíquica da criança e a forte influência da amamentação na fase oral. A partir desses estudos, foi possível compreender um pouco melhor a dimensão dos efeitos da relação entre mãe e bebê ao longo do desenvolvimento da criança. A fase oral é uma fase inicial de um processo longo de amadurecimento.

Conforme explica Buschinelli (2017) logo que a criança nasce, inicia-se a primeira etapa relacionada ao

desenvolvimento psíquico, período este em que ocorre um processo de interação da criança e seu primeiro contato com o mundo e para entrar em contato com tudo ao seu redor, é comum que a criança busque um contato com os objetos através da boca.

É importante entender que a boca é um instrumento essencial para a criança na fase oral, pois, tratando-se de uma parte do corpo de elevada potência, representando um meio para que a criança conheça o mundo ao seu redor e construa sua vida psíquica, que é fundamental para o seu desenvolvimento, lembrando-se que a sobrevivência do mesmo é condicionada à intensidade de seu impulso para a alimentação e a boca representa um mecanismo de interação e satisfação relacionada às suas experiências alimentares.

Conclusão

A partir do estudo realizado, percebeu-se que as mães lactantes que se encontram inseridas no mercado de trabalho enfrentam uma série de conflitos em sua dupla jornada. Apesar de toda a necessidade de amamentar as crianças até os seis meses de vida, como recomendam os órgãos como o Ministério da Saúde e a Organização Mundial de Saúde, o que se observa na prática é o desmame precoce, inclusive em face das dificuldades enfrentadas pelas mulheres para conciliar trabalho e maternidade.

Foi possível notar que a luta feminina por direitos iguais aos dos homens envolveu um longo processo que perdurou por séculos, em face de toda uma cultura patriarcal, em que o homem detinha o poder, enquanto a mulher era submissa e sujeita às determinações masculinas, não tendo direitos fundamentais como o voto e ao trabalho, situação esta que só foi alterada há poucas décadas, após séculos de luta, que se intensificou com o passar do tempo, especialmente, após a Revolução Industrial.

As conquistas femininas foram muitas, mas é fundamental destacar o direito ao trabalho, que representou uma vitória sem precedentes e que garantiu a mulher maior autonomia e liberdade, mas também, grande responsabilidade, pois precisa conciliar seu papel importante de mãe, com suas funções laborais, o que não é tarefa fácil, especialmente no período de amamentação.

Percebeu-se por meio dos autores consultados, que a assistência à mulher lactante oferecida pela equipe de profissionais da saúde, precisa ocorrer desde o pré-natal, mantendo-se até após o nascimento da criança, para que as recomendações existentes, sejam respeitadas e inúmeros benefícios sejam alcançados pela nascituro, destacando-se a importância de se construir um vínculo afetivo e emocional entre mãe e filho, através do aleitamento, que precisa ser estimulado

até os seis meses de vida como única alimentação e a partir dessa idade, como alimento complementar.

Conclui-se ainda que nos primeiros meses de vida da criança, o aleitamento materno pode trazer inúmeros benefícios, sejam eles nutricionais, afetivos, emocionais, cognitivos, enfim, trata-se de um mecanismo de suma importância, que pode motivar bem-estar e maior qualidade de vida para a criança, além de ser favorável à mãe, criando um vínculo afetivo mais forte com seu filho.

Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, Márcia Guimarães. Promoção e manejo clínico da amamentação no alojamento conjunto: proposta de um Guia de Cuidados de Enfermagem. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

ALMEIDA, Jordana Moreira de; LUZ, Sylvana de Araújo Barros; UED, Fábio da Veiga. Apoio ao aleitamento materno pelos profissionais de saúde: revisão integrativa da literatura. *Rev Paul Pediatr*. 2015;33(3):355-362.

BAYLÃO, André Luis da Silva; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro. XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – Gestão do conhecimento para a sociedade. 22, 23 e 24 de outubro de 2014.

BRASIL. Saúde da Criança: Nutrição Infantil – aleitamento materno e alimentação complementar. Caderno de Atenção Básica, n. 23. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BUSCHINELLI, Cíntia. Alguns dos vocabulários mais usados em Psicanálise – Fase oral. Brasil: Federação Brasileira de Psicanálise, 2017.

CEZAR, Bibiana Giudice da Silva. Empoderamento feminino na carreira de mulheres docentes: estudo em uma universidade federal do interior do Rio Grande do Sul. *ReCaPe Revista de Carreiras e Pessoas São Paulo*. Volume VII - Número 01 - Jan/Fev/Mar/Abr 2017.

COSTA, Fabiana Alves da. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas* v. 3, n. 6, jul./dez. 2018.

COSTA, Irla Henrique. As transformações do papel da mulher na contemporaneidade. Belo Horizonte: Univale, 2010.

COUTINHO, Maria Chalfin; FURTADO, Odair; RAITZ, Tânia Regina. *Psicologia Social e Trabalho: perspectivas críticas*. Florianópolis: ABRAPSO, 2015.

FONSECA, Priscilla Alves. Promoção do Aleitamento Materno na ESF do Distrito de Patrimônio do Ouro, Município de Castelo. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016

FURTADO, Andréia Dias; NASCIMENTO, Jaqueline. Atuação do enfermeiro na estratégia Saúde da Família na promoção do aleitamento materno. Porto Velho: Centro Universitário São Lucas, 2017.

HEFFEL, Carla Kristiane Michel; SILVA, Vinicius da. A construção da autonomia feminina: o empoderamento pelo capital social. XII Colóquio Nacional representações de Gênero e Sexualidades, 2016.

KLEIN, Melanie. O sentimento de solidão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

REIS, Rosa Maria Carvalho. Preocupação materna primária. Brasil: Federação Brasileira de Psicanálise, 2017.

ROMANCINI, Aline Cristina. Atuação do enfermeiro no manejo do aleitamento materno exclusivo: uma revisão integrativa. Assis: Fundação Educacional do Município de Assis, 2015.

SILVA, Juliane Lima Pereira da; LINHARES, Francisca Márcia Pereira; BARROS, Amanda de Almeida; SOUZA, Auricarla Gonçalves de; ALVES, Danielle Santos; ANDRADE, Priscila de Oliveira Nascimento. Fatores associados ao aleitamento materno na primeira hora de vida em um Hospital